



P T A N O S

O Brasil é nossa bandeira

30 ANOS
30 DEPOIMENTOS



Mineiro

Deputado Estadual . PT/RN

Mandato Cidadão

“Queremos um partido que ajude a nossa organização e que seja nosso pensamento e ação nas ruas e praças, nas fábricas, nos campos, nos bairros, nas câmaras e nas assembléias e em todos os lugares onde tenham trabalhadores rurais, funcionários públicos, professores e outros trabalhadores assalariados, bem como todos aqueles setores que estão ao lado deles”

Primeiro manifesto público do PT, em 10 de fevereiro de 1980

30 ANOS DE PT E O NOVO BRASIL



Há trinta anos – no dia 10 de fevereiro de 1980 - no Colégio Sion, em São Paulo, se realizava o Ato de Lançamento do Partido dos Trabalhadores que aprovou, por aclamação, o "Manifesto de Lançamento" do PT.

"O Partido dos Trabalhadores surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do País para transformá-la" é a frase inaugural desse importante documento que dá início à organização formal do PT. De forma direta e clara, eis aí a nossa melhor síntese: somos brasileiros (as) que querem transformar a vida social e política

do Brasil. E nestes trinta anos contribuímos de forma decisiva para isso.

Quem quer que se dedique a lançar, honestamente, o olhar sobre a recente história brasileira, certamente identificará o Partido dos Trabalhadores como um dos atores presente em todos os principais acontecimentos políticos das últimas três décadas. Temos o que comemorar. A história do Partido dos Trabalhadores nos autoriza a realizar um balanço positivo de nossas ações, marcadas pelo papel transformador que o partido desempenhou ao longo dos anos. Podemos nos orgulhar do fato de nossos acertos superarem nossos erros.

Considero que a maior contribuição dada pelo PT ao Brasil foi a incorporação de milhões de pessoas à cidadania política. Até então, ressalvadas as raras exceções, a atividade política era privilégio de uns poucos representantes de grupos e famílias. O surgimento do PT possibilitou trazer, para a arena da política institucional, significativa parcela de excluídos. E ao fazê-lo, ocupando espaços nos legislativos e executivos em sintonia e articulação com as demandas da sociedade civil, o PT contribuiu, e contribui, de forma decisiva, para o processo de mudanças na sociedade brasileira.

Os modos petistas de governar e legislar se transformaram em referências para a sociedade e são hoje incorporados, em seus muitos aspectos, às estruturas públicas e estatais brasileiras, criando novas institucionalidades.

O Governo Lula, e suas realizações rumo a um novo Brasil, nos indica que trilhamos os caminhos certos para alcançar o preconizado naquele Manifesto lançado em data já um tanto distante: "... o PT pretende chegar ao governo e à direção do Estado para realizar uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores, tanto no plano econômico quanto no plano social."

E chegamos. E realizamos. E muito mais realizaremos. Parabéns PT. Parabéns petistas!

Mineiro

10 de fevereiro de 2010

PT/RN: 30 ANOS DE HISTÓRIA



A partir da esquerda, alguns dos fundadores do PT no RN: José dos Santos, Vivaldo, Eliziel Barbosa, Lincoln Moraes, Francisco Ferreira, Rivaldo Fernandes, Aldemir Lemos e Rubens Lemos.

A ideia do Partido dos Trabalhadores surge no RN junto ao movimento nacional pró-PT, em meados de 1979. Era o início da transição democrática brasileira e o PT despontava, guiado, principalmente, pela figura de Lula, como um espaço para inserção política da maior parte da população: a classe trabalhadora. A diferença desse partido para os demais consistia na sua forma de organização, dividida em núcleos, a partir

dos quais, todos os militantes tinham poder de decisão.

Antes de tudo, OPT se vinculava aos movimentos sociais e sindicatos, que, na filosofia de criação do partido, são as chamadas “bases”. A ideia era que todos os filiados participassem de algum movimento social e que as discussões desenvolvidas nos mesmos influenciassem as Políticas Públicas.

Segundo o pesquisador Alessandro A. de Azevedo, autor da dissertação “Sem medo de dizer não – OPT e a política no Rio Grande do Norte”, participavam das primeiras reuniões para formação do partido no estado, militantes dos organismos de base da Igreja Católica, influenciados pela Teologia da Libertação; do Movimento Sindical Rural; de categorias profissionais do meio urbano; do movimento estudantil e do movimento de docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A primeira reunião nacional aconteceu no Colégio Sion, em São Paulo. Aldemir Lemos, Francisco Ferreira da Silva e Rivaldo Fernandes foram os potiguares designados para a tarefa. “Fizemos uma cota e nós saímos de Natal, para três dias de viagem, a base de pão doce e caldo de cana. Se almoçasse, não podia jantar. Mandeï imprimir 5 mil cordéis de um poeta popular daqui, que foram vendido em frente ao Sion. Voltamos pra Natal com dinheiro”, conta Aldemir Lemos.

“No início, a maioria dos petistas era do campo, a maior participação era dos trabalhadores rurais, só depois é que os movimentos urbanos começaram a tomar parte com mais força”, lembra Eliziel Barbosa. O próprio Azevedo explica que no nascimento do partido no estado, o grosso dos militantes vinha dos sindicatos rurais do interior. O agricultor aposentado Francisco Pedro, por sua vez, afirma: “Nós viramos esse estado ao avesso, montando diretórios e convencendo as pessoas a se filiarem”.

A legalização do partido, aliás, foi uma das grandes dificuldades dos primeiros anos. Azevedo conta que a lei eleitoral da época exigia um número de diretórios e filiados relativamente alto para que o partido pudesse concorrer às eleições de 1982. Era uma questão urgente. “A gente dizia, você se filia, mas não precisa votar no partido. Isso porque as pessoas tinham muito medo. Diziam que era coisa de comunista. Só era possível legalizar

dessa forma”, declara o empresário Pedro Chapinha.

Em 1980, realizou-se o primeiro comício do PT/RN, com a presença de então sindicalista Luís Inácio Lula da Silva, que foi marcado pelo imprevisto, como conta Azevedo “dado que o dinheiro necessário ao pagamento do aluguel do caminhão, que serviu como palanque, teve que ser recolhido em pleno comício, entre os participantes. Segundo os jornais da época, havia em torno de 3 a 4 mil pessoas”.

Eleições de 82

As primeiras eleições diretas para governador depois do golpe de 64 trouxeram como candidato do PT/RN o radialista, jornalista e ex-exilado político Rubens Lemos. Ser vice era Sebastião Getúlio, líder sindical e um dos fundadores de sindicatos rurais no estado nos anos 60, que, à época, era presidente da Cooperativa de Trabalhadores Rurais de Lagoa Salgada.

Para o Senado, havia Elisiel Barbosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Montanhas. Em sua suplência ficou Luis Alves, então bancário do Banco do Brasil, em Mossoró e militante comunista histórico, que havia sido perseguido pela ditadura militar.

Os candidatos na chapa de deputado federal foram Paulo Linhares, Cesário Batista, Aldemir Lemos e Geraldo Guedes. Na chapa de deputado estadual concorriam Crispiniano Neto, Francisco Ferreira, Lauro de Almeida, Chico Pedro, Arnaldo Rodrigues e Lincoln Moraes.

As figuras do candidato a vice-governador, senador e metade dos integrantes das chapas para deputado federal e estadual eram representantes do movimento rural.

As eleições se mostraram difíceis para os militantes, que sofriam com a falta de recursos e de acesso fácil aos meios de comunicação. “A fragilidade do partido no enfrentamento do processo eleitoral era evidente sob vários aspectos: a maioria de seus militantes não tinham experiência de participação eleitoral anterior e jamais haviam se candidatado a quaisquer cargos eletivos, de âmbito estatal”, explica Azevedo.

A hegemonia das oligarquias políticas do RN também não ajudava. Os concorrentes ao projeto petista eram o ex-prefeito biônico de Natal, José Agripino Maia e o populista Aluizio

Alves. E apesar do início da abertura política, a repressão continuava. “Chegamos a cidades em que diziam que se falássemos mal de Aluizio Alves, íamos apanhar. Em Baraúnas, na entrada da cidade, já tinha jagunço esperando, dizendo 'se falar de José Agripino ou de Aluizio vão levar bala'”, conta Aldemir Lemos. “A população tinha medo de participar. Achavam a coragem da gente bonita, mas ao mesmo tempo viam esse sonho como tão distante que temiam participar mais ativamente”, lembra, por sua vez, o assessor do deputado Fernando Mineiro, Tércio Pereira.

O medo dos “comunistas” ainda estava inculcado na mente da maior parte das pessoas. E, além disso, ainda havia o discurso do voto útil. Apesar de a votação ser direta, em 82, o voto era vinculado. Ou seja, só era possível votar em todos os candidatos de um único partido sob pena de nulidade do voto. “As pessoas achavam que não era viável votar no PT, que era muito melhor votar num partido progressista, com mais chances de ganhar a eleição”, explica o vice-reitor da Universidade Estadual do RN, Aécio Cândido.

“Volta às bases”

Com a magra performance eleitoral local e nacional de 1982, o sentimento de frustração tomou conta de alguns setores do partido. Parte desse sentimento, entretanto, foi canalizada na “reconstituição” da base social, num processo que ficou conhecido como “volta às bases”. “O balanço das eleições significava, também, um balanço do processo de construção e organização partidária encaminhado até então”, afirma Azevedo.

Vale lembrar que o PT/RN já havia sofrido o desfalque da retirada dos militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, em 1981. Esses tentariam formar uma frente oposicionista hegemônica pelo PMDB.

No pós-82 percebeu-se que o esforço concentrado na organização legal do partido fez com que ele se afastasse de sua proposta original, a da presença constante na mobilização e lutas dos trabalhadores.

Quatro anos mais tarde, ainda ilegal perante a Justiça Eleitoral, o PT/RN iria sofrer uma

intervenção da Executiva Nacional. Segundo Azevedo, esse foi um período de reconstrução política do partido no estado, com o aumento da participação dos setores urbanos. “Num sentido político essa reconstrução pode ser percebida na medida em que os grupos que tinham uma atuação localizada quase que restrita à capital vão assumir uma parcela cada vez maior do poder interno do partido”, revela.

Eleição dos primeiros vereadores

1988 é o ano em que o PT/RN consegue eleger seus primeiros representantes em Câmaras Municipais do Estado. Em Natal, o professor, sindicalista membro da Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN) e fundador do PT, Fernando Mineiro, é o primeiro petista a exercer o cargo de vereador na cidade

Mineiro é eleito após nove anos de militância no partido. Ele conta que a experiência foi fundamental para sua atuação no Poder Público. “Tive a felicidade de, à época da fundação do PT, viajar para os interiores e conhecer lideranças rurais. Então, eu aprendi muito sobre a realidade do Rio Grande do Norte a partir da visão dessas pessoas. Isso me possibilitou ter um olhar especial e muito rico sobre o Estado”, lembra.

1989 – Lula para presidente

Sobre a campanha de Lula para presidente em 1989, no Rio Grande do Norte, o deputado estadual Fernando Mineiro falou a um jornal da época: “Nós do PT fomos um dos poucos grupos políticos que exercitou esse tipo de campanha aqui no Estado. Conseguimos mobilizar centenas de pessoas para levar a candidatura de Lula às ruas, de bairro em bairro, de cidade em cidade. Fizemos centenas de comícios e manifestações pró-Lula. Coisa que nós jamais pensamos que tivéssemos condições de fazer”.

O envolvimento dos militantes na campanha para presidente foi um dos maiores vistos no RN. A mobilização foi enorme e o candidato petista recebeu uma expressiva votação local.

O fato surpreendeu muitos setores da imprensa, considerando que o RN não tinha uma tradição sindicalista e Lula não era apoiado por nenhum cacique local.

“A campanha de Lula para presidente foi uma das maiores campanhas, na qual houve maior mobilização petista, de militantes, as pessoas dedicando, levando, indo, fazendo com dinheiro do bolso, botando, fazendo a campanha de Lula. Eu acho que o partido, naquele momento, foi superado por essa militância e tinha gente que nós não sabíamos de onde tinha saído”, lembra Aldemir Lemos, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Rio Grande do Norte.

A história prossegue

No ano seguinte à primeira candidatura de Lula à presidência, o PT/RN elege seu primeiro deputado estadual, o professor e sindicalista Júnior Souto. A história do partido prossegue com vitórias no Estado. Em 1992, o partido lança Júnior Souto como candidato a prefeito de Natal e o vereador Fernando Mineiro é reeleito vereador na cidade.

Em 1994, Mineiro sai como candidato ao Governo do Estado e tem expressiva votação. No mesmo ano, o PT/RN consegue manter sua vaga na Assembleia Legislativa, com a eleição de Fátima Bezerra como deputada estadual.

Outro evento importante para a história do partido no Estado foi a participação na Caravana da Cidadania, que precedeu a candidatura a presidente de Lula, em 1994. Essa mobilização, que ocorreu em todo o país e envolveu militantes, filiados e parlamentares do PT no RN, teve como tema “O Brasil Pode Acabar com a Fome”.

Nas eleições de 1996, o vereador Fernando Mineiro foi novamente reeleito e, junto com Olegário Passos, representa o partido na Câmara Municipal. Nessa época, a candidatura de Fátima Bezerra à Prefeitura do Natal envolveu toda a militância, chegando inclusive a disputar o segundo turno, concorrendo com a atual governadora Vilma de Faria.

Em 1998, o partido se mobilizou para a terceira campanha de Lula a presidente e lançou chapa majoritária, com Manu Duarte para o Governo do Estado e Hugo Manso como

candidato ao Senado.

No ano 2000, a deputada Fátima Bezerra concorreu novamente à prefeitura de Natal. O partido reelegeu o vereador Fernando Mineiro e Hugo Manso também foi eleito para a Câmara Municipal de Natal.

Com uma expressiva votação, o partido elegeu em 2002 dois deputados estaduais: o vereador Fernando Mineiro e o médico Paulo Davim, além de Fátima Bezerra a deputada Federal. Na ocasião, Olegário Passos assumiu o cargo de vereador na Câmara Municipal de Natal. Nesse ano, o partido também envolveu toda sua militância para a eleição histórica de Luís Inácio Lula da Silva à Presidência da República do Brasil e lançou Ruy Pereira ao Governo do Rio Grande do Norte.

Dois anos depois, no processo eleitoral municipal, o PT elege dois vereadores em natal: os sindicalistas Júnior Rodoviário e Fernando Lucena, e lança Fátima Bezerra como candidata majoritária.

Em 2006, o partido trabalha para a reeleição do presidente Lula. No RN, o mesmo acontece com os cargos da deputada federal Fátima Bezerra e do deputado estadual Fernando Mineiro.

Em 2008, o partido lança a candidatura de Fátima Bezerra à prefeita de Natal. Em 2010, as principais prioridades são a eleição da ministra Dilma Rousseff para presidente do Brasil e o aumento do número de representantes do partido no Estado.



Filho do militante petista João Bosco empunha bandeira do partido



30 ANOS 30 DEPOIMENTOS

A seguir, estão 30 depoimentos de fundadores do Partido dos Trabalhadores no Rio Grande do Norte. São histórias de militância que se confundem com a trajetória do partido no Estado e conseguem dar um panorama do que ocorreu nesses anos.



Aécio Cândido, 53 anos, vice-reitor da Uern

“Os filiados têm voz, defendem suas posições e esse ainda é um fato novo.”

Em Mossoró, a sede do PT era na minha casa porque o partido não tinha sede própria ainda. Em 82, na campanha para governador, nós tivemos que fazer tudo: criar uma infraestrutura, procurar filiados. Cheguei a ser candidato a vereador. Foi uma campanha muito difícil por conta do voto vinculado.

A gente tinha que enfrentar o discurso do voto útil. As pessoas achavam que não havia viabilidade em se votar no PT, que era muito melhor votar num partido progressista que tivesse mais chances de ganhar a eleição.

Após 30 anos, eu continuo achando que o PT é um grande marco na política brasileira. A organicidade do partido é muito grande, os filiados têm voz, defendem suas posições e esse ainda é um fato novo.

Nem sempre as posições podem ser as mais coerentes, mas é um diferencial. Tenho orgulho de ter participado e participar dessa construção.



Aldemir Lemos, 69 anos, comerciante aposentado

“OPT tem outra visão das minorias. Isso porque nós discutíamos política e não só eleições”

Eu já vinha da esquerda. Em 79, com o movimento do ABC paulista, houve conversas entre os remanescentes da esquerda sobre o desejo de Lula de criar um partido. Antes, a idéia era criar o PP (Partido Popular), mas a direita registrou essa sigla antes. Encontramos-nos para almoçar num restaurante da Gonçalves Lêdo. As primeiras reuniões do PT foram feitas na Praça André de Albuquerque. A 1ª ia ser no Sindicato das Costureiras, mas não vieram abrir, então foi na Ribeira, na casa de um militante que trabalhava na Guararapes.

Em 80, se fez a primeira reunião para a escolha de delegados. Para o colégio Sion, em São Paulo, foram eu, Francisco Ferreira da Silva e Rivaldo Fernandes. Para São Paulo, nós saímos de Natal de ônibus com uma cota. Fizemos panfletos e um poeta popular escreveu um cordel. Eu levei 5 mil numa mala, quando nós descemos do metrô, a mala “torou-se”. Mais tarde vendi todos na frente do colégio.

A ida da viagem foi três dias a base de pão doce e caldo de cana. Se almoçasse não jantava e se

jantasse, não almoçava. Mas na volta estávamos com dinheiro. Pagamos a gráfica que imprimiu os panfletos e trabalhamos na legalização do PT.

Em 80, Lula veio para Natal e nós fizemos um comício na Gentil Ferreira. Daqui fomos para a Paraíba. Quatro pessoas, dentro de um fusca.

Eu tinha todo um acúmulo de esquerda. Uma das coisas que me atraía era o fato de ser um partido de trabalhadores, sem patrão. Era a opção de termos outro partido que não fosse o MDB, do sim e a Arena, do sim senhor! A ditadura abriu uma brechinha e a gente arrombou.

Foi muito duro, árduo. Eu dediquei 20 e tantos anos na tentativa de construir esse partido. O Lula fez outro país. Agora o Brasil é respeitado lá fora. A direita quer separar Lula do PT, mas nós construímos Lula. Com as nossas caravanas, nós andamos com ele o RN todo, para fazer seu nome. Toda conversa que nós tínhamos, falávamos em Lula.

Enfrentamos muita repressão. Chegamos a cidades, em que se dizia que se falássemos mal de Aluizio Alves, iríamos apanhar. Em Baraúnas, na entrada da cidade, já tinha jagunço esperando, dizendo que “se falar mal de José Agripino ou Aluizio Alves”, ia apanhar ou levar bala.

Um dos grandes avanços do PT, por exemplo, foi com a questão dos negros. Temos ministros negros, membros do Superior Tribunal Federal negros. A importância política disso é enorme. A questão do índio também. O PT tem outra visão das minorias. Isso porque nós discutíamos política e, não só eleições. E ao chegarmos ao Governo, isso apareceu.

A importância que o Bolsa Família deu ao cidadão foi enorme. Hoje todo mundo vai ao banco, saca seu dinheiro, sem precisar passar por prefeitos. O Governo Lula ainda não é perfeito, principalmente no tocante à burocracia, mas ele é o governo dos menos favorecidos. Alguém pode achar que é paternalismo, mas se trata de uma valorização do homem. As ações são frutos de anos de discussão.

As pessoas acham que Lula é maior do que o PT, mas nós criamos Lula.



Brasília Carlos, professora da UFRN e assessora da dep. federal Fátima Bezerra
“OPT chega para responder as indagações de como deveria ser uma sociedade”

Lembro que, desde adolescente, me interessei por política. Após a horrenda ditadura, vivíamos um período muito fértil, em que surgiram movimentos sociais voltados para diversas demandas.

Todos queriam agir. Atuar na sociedade. Essa pluralidade de movimentos, abrigados no PT, o tornaram um partido diferente do que até então conhecíamos. Ele atraiu grandes contingentes, pessoas comuns que, pela primeira vez, participavam da política.

Eu já era professora da UFRN e me encontrava em São Paulo fazendo uma pós-graduação. Iniciei minha vida política junto aos meus colegas de curso na PUC-SP. Começamos a militar em Osasco, na grande São Paulo. Terminado o curso retornei e prossegui a militância na entidade dos professores da UFRN. Através de nossa entidade, fui eleita representante do Conclat (Conferência Nacional da Classe Trabalhadora), o que me deu a honra de integrar a primeira direção da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

Trabalhei muito fazendo palestras, filiando e buscando filiar as pessoas ao PT. Nos finais de semana, livre do cotidiano docente, viajava para as cidades próximas para fazer formação política.

Os 30 anos do PT significam muito para todos nós. Nesse intervalo, o país democratizou-se, milhares de pessoas foram incorporadas à cidadania e à política, a atividade mais digna e importante de nossas vidas.



4 Cesário Batista, 73 anos, agricultor aposentado

“Eu não sou político. Eu sou PT”

Comecei porque fui convidado por alguns professores da UFRN, mas não lembro a data exata. Era Mineiro, Brasília Carlos, Hugo Manso e outros. Eles diziam: “Você conhece o Estado. É o único trabalhador rural que pode nos ajudar”. Eu respondia que não tinha condições, mas todo mundo se prontificou em dar o carro, se juntar para pagar a gasolina. A gente percorreu o RN todo.

Eu ia para conversar com as pessoas e com os políticos das cidades. Eles diziam que não tinha futuro, pra eu deixar disso. Eu conhecia todo mundo porque já tinha anos de trabalho no Sindicato Rural. Nós criamos diretórios em 30 municípios.

Para mim, era o único partido que faltava criar, porque tinha a voz dos trabalhadores. E como trabalhador eu enfrentava essa luta. Mas falei pro próprio Lula o quanto era difícil porque os grandes políticos só pensam em si mesmo.

Depois de prontos os diretórios, fomos e criar a diretoria e arrumar os candidatos. Chamei Sebastião Getúlio e perguntei se ele tinha coragem. E ele respondeu: – Eu tenho!

Eu ajudei a fundar o partido com o interesse numa luta. Se eu fosse outro, ainda tava lá. Mas eu não sou político. Eu gosto de política porque política é a minha vida, é a sua, é a de todo mundo. Eu sou PT. Entrei no PT com o pensamento de dialogar com todo mundo. Porque política é isso.



Chico Pedro, 74 anos, aposentado

“Nós viramos este estado pelo avesso”

Eu vi na carta princípio que ia haver uma grande mudança para as classes operárias, para os sindicalistas e, principalmente para o povo do campo. E nós fomos desenvolver. Eu, Aldemir, Lincoln Moraes, Mineiro, Rubens Lemos, Elisieu Barbosa, nós demos da vida por esse partido.

Minha casa foi comitê do PT em Riachuelo. O PMDB de Riachuelo todo se revoltou contra mim, falavam que o PT era comunista. Eu fundei o diretório de Riachuelo e ajudei em Bento Fernandes, João Câmara, São Paulo do Potengi... Em tudo quanto é cidade do RN, tive participação como militante. Foram cinco ou seis anos de luta, criando diretórios. Nós viramos o estado pelo avesso. E eu sou um dos melhores oradores do campo.

Rubens Lemos foi um dos maiores radialistas que este estado já teve. Ele veio muito forte para a política. Quase ganhamos as eleições (para Governo do Estado, em 1982) na primeira “barroada”.

Eu acho que o partido, nos movimento sociais, teve avanço. Melhorou a construção civil, tem mais moradia. O povo teve mais vez, a mulher mais espaço, os idosos têm mais apoio.

Os 30 anos têm uma história a contar. Elegemos um cara que veio do nada. Se ele tivesse vindo da elite, tinha feito a mesma coisa que FHC fez. Eu tenho que dizer que o partido teve avanços e grandes avanços. Eu só tenho uma cisma: é se essas eleições que vem aí, se depois elas vão desmanchar um monte de coisa



Cipriano Maia, 54 anos, médico e professor da UFRN

“OPT canalizou a energia dos movimentos sociais”

O PT nos deu a possibilidade de organizar a luta dos trabalhadores em torno de um projeto político. Aquela era uma época de ditadura, mas os trabalhadores já acumulavam forças, e nesse

interim, o PT canalizou a energia dos movimentos sociais. Ele juntava as pessoas que já participavam do movimento de esquerda e aquelas que queriam mudanças sociais.

Na época da fundação eu participava do movimento estudantil e mantinha um diálogo com as organizações de esquerda clandestinas. Em 84, participei dois anos da direção municipal do partido, depois passei para a estadual e entre 87 e 90, da nacional.

Participei da organização de um partido que teve uma grande contribuição na mobilização e organização dos trabalhadores. A atuação do PT no parlamento também influenciou a ação do Estado no sentido em que o partido apontava.

No âmbito dos militantes, ao longo destes 30 anos houve uma ruptura com a ilusão de que o PT poderia chegar a uma sociedade diferenciada longe do caminho eleitoral e institucional. Alguns segmentos chegaram a ver o partido como algo messiânico. Nós tínhamos uma idéia de pureza, de 'vamos fazer tudo sozinhos'.



Crispiniano Neto, 54 anos, presidente da Fundação José Augusto

Nos anos 70, eu estava desiludido com a direita, pois havia entrado na política na ARENA, partido do meu pai, em plena ditadura militar. Nesse tempo, não se discutia questões ideológicas em Santo Antonio do Salto da Onça, minha terra natal. Minha geração era totalmente alienada. Comunista para nós era um bicho que "comia criancinhas".

Com o coração cheio de boa vontade, fui vereador, em 1976, aos 19 anos, achando que por ali podia ir a algum lugar. Logo na campanha comecei a me decepcionar ao dar de cara com a miséria nas casas dos eleitores e ver como eles eram tratados.

Já na faculdade, com as greves do ABC paulista, comecei a entender o que era a esquerda e a direita e fiz uma opção pela esquerda. Cheguei ao ponto, até, de ser o único vereador do Brasil a renunciar ao mandato em 1980, quando o general Figueiredo prorrogou por dois anos os mandatos de prefeitos e vereadores.

Envolvei-me com um grupo de esquerda que estava tentando criar o PMDB, em Mossoró, onde

eu estudava. A esquerda mossoroense indicou o advogado Paulo Linhares para a Executiva Estadual do PMDB e ele foi defenestrado do cargo para dar lugar ao, então deputado, Carlos Alberto de Souza. A esquerda mossoroense rachou e eu fiquei com o grupo que criou o PT. Fui vice-presidente do primeiro Diretório Estadual, fiz várias viagens com Lula, inclusive noutros estados criando o partido e fui candidato a deputado estadual na primeira eleição, em 1982.

Entrei no PT por entender que seria um partido diferente daquela ARENA onde convivi frustrado por não responder à realidade que vi nas casas humildes dos meus eleitores e daquele PMDB que negociava cargos com novos caciques tirando a representatividade da base. Vi que o único partido onde me adaptaria seria o PT por ter uma proposta concreta para a maioria dos brasileiros e por não ter donos. Entrei no primeiro ano do partido, em 1980.

Daí em diante, minha participação foi total. Passei a ser um militante profissional, mesmo não sendo profissionalizado. Sacrifiquei a carreira artística de poeta e escritor e as carreiras profissionais de agrônomo e advogado para dedicar-me de corpo e alma aos movimentos estudantil, cultural, pastoral e sindical e, quase num sacerdócio, ao partido. Sacrifiquei, inclusive, a carreira política, pois antes de entrar no PT nunca perdi uma eleição e depois que entrei, nunca ganhei uma.

Abdi quei de tudo, exceto da condição de garantir uma minguada feira que garantisse o sustento da esposa e dos filhos. Abri picadas, cortei cercas de arame, derrubei muros, mas parece que sou daqueles que nunca devem ser procurados na hora da colheita, pois quem quiser me ver, vai me encontrar noutro canteiro, semeando de novo, o novo...



8 Damiano de França Pinheiro, 70 anos, tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Touros

“Participamos com muita dificuldade, mas também com muita garra e vontade”

A gente tava criando um partido para os trabalhadores pela primeira vez e eu acreditava nisso. Naquela época, o partido era puramente trabalhador e aqui no estado a força vinha dos rurais. Era um momento de muita importância.

Participamos com muita dificuldade, mas também com muita garra e vontade. Ajudamos e hoje ele está aí em todo o estado.

As dificuldades eram financeiras, principalmente. Só conseguimos porque éramos sindicalistas

e as despesas vinham do dinheiro do sindicato. Ainda hoje se alega que o partido não tem dinheiro, mas hoje é muito diferente. Naquela época não existia nem a sigla, local pra se reunir. Dependia da ajuda de alguns companheiros. Os da universidade foram importantes para arranjar o dinheiro.

Não tenho nem palavras para falar da importância desses 30 anos. Apesar de o partido ter regredido um pouco na área rural, ele ainda é muito importante. Mas os trabalhadores ainda têm dificuldade em acreditar no partido. Quando se fala de uma eleição para o Lula é uma coisa, mas uma eleição do partido é outra. E as pessoas vão muito atrás das bugigangas que os outros oferecem.

Aqui em touros tem 30 mil habitantes, sendo que 73% são da área rural. É muito difícil. Até hoje não elegemos um vereador, apesar de ter sido uma das primeiras cidades no RN a fazer a fundação do PT. O povo aqui é viciado na bugiganga, na questão da venda do voto. Os políticos se preparam para, na época da eleição, vender o voto. Essa é a maior dificuldade que o PT tem encontrado. E hoje em dia ainda é mais freqüente. Um vereador que não tiver de 800 mil não consegue se eleger.



Edivan Martins, 50 anos, vereador de Natal

“Depois da fundação do PT, os parlamentos passaram a ter um novo perfil”

Quando o PT foi fundado, eu atuava junto à Igreja Católica, na Pastoral da Juventude do Meio Popular, e desenvolvia ações com os sindicatos rurais e associações de moradores e conselhos comunitários das Quintas. Entendo que o partido foi uma criação muito importante para os setores progressistas e populares, uma vez que ele tinha a militância na sua base de trabalho.

Naquele cenário de reabertura gradativa, os partidos simplesmente não representavam os segmentos diversos, de modo que o PT reuniu os movimentos sociais numa luta contra a Ditadura. Trabalhei desde a primeira reunião, com a formação de grupos, convencimento de pessoas, redação das primeiras atas...

Depois da fundação do PT, os parlamentos passaram a ter um novo perfil. A militância foi estimulada e o combate à ditadura também. O partido aglutinou vários setores da militância mais aguerrida.

Uma das coisas interessantes que fiz no partido foi transformar o programa do PT em cordel. Eu trabalhava com agricultores e isso facilitava o entendimento deles. O programa era muito seco.

O trabalho nas Quintas era muito organizado. Para se ter uma idéia, o PT não tinha sede em

Natal, mas nas Quintas tinha. Com uma vaquinha, alugamos um espaço, uma casa de taipa, que era borracharia de dia e núcleo à noite. Em 81 ou 82, deixei o partido junto a um grupo que era ligado à Igreja. O PT tem um significado especial para a sociedade brasileira.



Edmilson Lopes, 47 anos, professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
"O PT foi o mais importante ator político brasileiro das últimas três décadas"

Eu entendi que o PT poderia ser um espaço para a ação dos que queriam mudar radicalmente a sociedade brasileira, fazendo emergir para a cidadania os excluídos de sempre. O PT significava, então, um espaço para o aprendizado político daqueles setores que o grande cientista social Florestan Fernandes identificou como "os de baixo"...

Particpei junto com familiares, minha mãe em especial, e alguns grandes amigos, como Edivan Pinto, Edilson Neto, Seu Natalício, Neto, Evilázaro, Domingos Sávio, Stela Pereira, e outros que a memória trai. Ajudei a criar o Diretório Municipal de Apodi, o que implicava, naquela época, uma grande luta para conseguir as filiações necessárias à legalização. Para se ter uma idéia, tínhamos que conseguir, em um pequeno município como Apodi, cerca de cem filiações. Como fazer isso se o preconceito contra o partido era imenso? Foi um trabalho muito duro, mas também que me possibilitou compreender melhor as pessoas, especialmente trabalhadores rurais e pequenos agricultores, a quem buscamos propondo filiação ao partido...

Posso dizer que fui um dos fundadores do PT no estado. Quando soube, pela imprensa, que Rivaldo Fernandes estava criando o partido no RN, escrevi-lhe e me propus a criar o PT em Apodi. Era curioso, pois, na época, eu ainda nem tinha dezoito anos completo... Eu participava da Pastoral da Juventude e do movimento estudantil secundarista.

Independente do julgamento que façamos, o PT foi o mais importante ator político brasileiro das três últimas décadas. Redefiniu a história política do país. Abriu espaço para a entrada em cena de novos e inesperados sujeitos políticos, como o próprio Lula. Claro, amadureceu e perdeu o viço. Mas também ganhou novos e bons contornos, como a busca pela construção de um projeto de nação. O "PT das raízes", em verdade, era uma escoradora de projetos (desde aqueles de grupos leninistas até os de setores cristãos moderados), mas não tinha, de verdade, um projeto de país que encimasse a sua atuação... Isso mudou e é positivo.



Eliziel Barbosa, 65 anos, agricultor familiar e vice-presidente do Sindicato Rural de Touros
“Eu só acredito no partido que ajudei a fundar”

Naquele momento só se ouvia falar no MDB e na Arena. Então nós vimos que o PT era o partido. Eu era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Montanhas e junto com outros seis companheiros, também dirigentes de sindicato, duas pessoas de Natal e Aldemir Lemos, fizemos a primeira reunião no Centro de Natal, Em 79.

Eu enxerguei que esse era o partido que dava certo. O sindicato não podia eleger ninguém, por isso não podia fazer a transformação social. No início, a maioria dos petistas era do campo, a maior participação era dos trabalhadores rurais, só depois é que os movimentos urbanos começaram a tomar parte com mais força.

Eu fui o primeiro candidato a senador, na eleição de 82. Consegui quase 4 mil votos. Fui eleito, por força do diretório estadual, presidente do partido e o dirigia em Montanhas. Acompanhei o PT em todos os tempos. Participei de quase todas as direções e mesmo quando não estava na direção, ia às reuniões.

Ainda acredito que esse partido é quem vai fazer, realmente, a transformação social. É claro que tem acontecido muita coisa e eu não quero radicalizar a questão partidária. Acho que o Lula tem uma capacidade muito grande de ir conduzindo esse processo do ponto de vista democrático. O partido é quem pode consolidar essa transformação. Eu só acredito no partido que eu ajudei a fundar.



Fernando Mineiro, 53 anos, deputado estadual
“OPT faz bem ao Brasil”

O PT era, na época de sua fundação, uma grande novidade e a possibilidade de você construir um espaço de participação política efetiva para aqueles atores que eram aliados da política. Então, para mim, o grande legado do PT foi possibilitar que milhões de pessoas que nunca participaram da atividade política partidária o fizessem. E ele representa a confluência de grandes lutas, de grandes ideários de libertação, de democracia.

Em 1979, eu fazia parte do Movimento Estudantil e participei desse processo de fundação do partido. Atuava visitando interiores, discutindo sobre a formação do PT, bairro a bairro, cidade a

cidade. Isso porque a legislação exigia, de forma muito mais rígida que hoje, que você tivesse um mínimo de cidades que tivessem comissões provisórias, tanto no Estado como nacionalmente.

Eu tive a felicidade de, à época da fundação do PT, viajar para os interiores e conhecer lideranças rurais. Então, eu aprendi muito sobre a realidade do Rio Grande do Norte a partir da visão dessas pessoas. Isso me possibilitou ter um olhar especial e muito rico sobre o Estado.

Sai candidato pela primeira vez em 1988. Eu já era professor e participava do Movimento Sindical dos Professores. Eu fui da famosa e histórica APRN (Associação dos Professores do RN). Fui dirigente sindical e participei também da formação da CUT. A partir de então, sempre fiz política ligada ao Partido dos Trabalhadores, me orientando pelos princípios do PT. Eu sou um militante do PT.

Ao completar 30 anos, nós podemos olhar pra trás e fazer um balanço positivo da trajetória do PT. Ele tem contribuído para construir um novo país. O partido tem vários erros, mas se formos colocar numa balança, eu acho que os acertos pesam mais.

Se você olhar a história política partidária do Brasil com honestidade, vai notar que o PT tem uma marca diferenciada. Esse partido foi um ato político e cultural diferente, que marcou a história partidária. E todas as lutas democráticas contemporâneas brasileiras têm as digitais do PT.

Ao trazer para a política partidária setores que dela não participavam, quando o PT iniciou suas gestões públicas trouxe uma série de inovações políticas e administrativas que hoje são incorporadas ao Estado.

Para mim, os 30 anos representam que o PT faz bem ao Brasil, faz bem à democracia, à Política Pública. E repito, quem conhece a história do Brasil, sabe que existe algo de novo acontecendo nesse país.



Francisco Ferreira da Silva, 61 anos, agricultor

“Não há outra saída além da inserção do povo nos partidos”

Eu fui despertado pela movimentação no ABC paulista. Foi quando vi que era possível criar um novo partido e parti em busca de informações. Na época, rotulávamos com o partido “sem patrão”, “sem dominador”. Eu era secretário-geral da Fetarn e tinha vasto conhecimento do Estado. Então, fiz uma movimentação com vários dirigentes sindicais, entre eles, Elisieu Barbosa, Sebastião Getúlio, Edísio Paulírio, Damião de França, Cesário Batista e outros.


A área rural participou muito da fundação do PT no RN, o que também desembocou na formação

da CUT. Depois de um tempo nos juntamos com um grupo da cidade: Mineiro, Brasília Carlos, Roberto Hugo, Aldemir Lemos, Boanégis Gomes de Lima...

Em 79 encontramos com Lula. Houve, então, uma articulação embrionária, pré-formação do partido e criamos uma coordenação no RN. Em 80, Lula veio para o comício na Gentil Ferreira.


Eu nunca deixei de militar. Militei em todos os espaços, até na direção nacional. Fui um dos primeiros dirigentes e a primeira direção provisória aqui no estado foi minha.

É imensamente importante haver um partido que os trabalhadores dirijam porque a grande maioria do povo é feita de trabalhadores e eles não podem ficar à margem da sociedade. Hoje essa idéia está consolidada. Eu acredito que não há outra saída além da inserção do povo nos partidos.

 Hugo Manso, 50 anos, delegado federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário do RN
"Começaria tudo outra vez"

A criação do PT foi, para mim, uma mudança de rumos. Eu estive no centro do processo. Participei das campanhas de filiação, em Mãe Luiza, nas Rocas, em São Gonçalo do Amarante. O partido teve minha dedicação exclusiva. No primeiro semestre de 1980, havia a preparação da viagem a SBPC em reuniões no DACT. No segundo semestre, filiação, eleição para vice-presidente do DACT, campanha de filiação partidária, eleição da chapa Contraponto para o DCE.

Já 1981 foi ano de muita militância, presidência do DACT, mobilizações na reitoria, filiações ao PT nos bairros populares e interior do estado, reuniões, textos clandestinos, disputas internas, tudo. O partido é a síntese da minha vida. Tenho 50 anos. 20 anos sem PT e 30 com PT. Começaria tudo outra vez...

 João Maria Almeida, 52 anos, empresário
"O que me chamou atenção foi a forma de organização do partido"

Um dos motivos para eu entrar no partido foi o meu irmão, Luciano Almeida, que era preso político. Nossa família estava envolvida nas lutas. No período de fundação do PT, a esquerda era muito dividida. Vários partidos tinham setores da esquerda e o PT era o dos trabalhadores organizados.

O que me chamou atenção foi a forma de organização do partido, a partir de núcleos. Eu, por

exemplo, venho do núcleo das Quintas. Atuei em todas as áreas. Passava dias fazendo filiações, engajado nas lutas populares.

No início havia muito a questão do socialismo. Era essa a base de muita gente. Eu confesso que achava que o partido seria diferente. Mesmo assim, acho que ele cumpriu seu papel. Elevou um metalúrgico à presidência. Até porque, nós temos que analisar a realidade.



16 Junior Souto, 51 anos, professor e assessor da deputada federal Fátima Bezerra

“O PT é um lugar onde se pode fazer militância política num ambiente mais aberto e democrático”

A criação do Partido dos Trabalhadores significava a possibilidade de afirmação de meus desejos e sonhos, no sentido da construção de uma sociedade baseada na justiça e na igualdade social. Parecia-me também que o PT era um lugar no qual se poderia fazer militância política em um ambiente mais “aberto” e democrático, dado a sua dinâmica e composição social.

Comecei a receber informações sobre a formação do PT quando fazia parte do Movimento de Pastoral da Juventude, organizado pela Diocese de Mossoró. Chegando a Natal, uma semana antes de fundação do partido, ainda sem filiação, iniciei um processo de aproximação que terminou por me levar a participar de reuniões eventuais, e daí, em 1984 já integrei o Diretório Municipal e iniciei militância no movimento sindical da educação. Desse período em diante, ao lado dos rurais, os professores passaram a desempenhar um papel decisivo na organização do partido em todo o estado.

É rigorosamente difícil dimensionar a importância histórica do PT nessas três décadas. Mas, seguramente, podemos afirmar que o partido vem cumprindo um papel decisivo na formação de uma sociedade civil, no interior da qual, tem buscado disseminar princípios e valores necessários à consolidação de um projeto de sociedade baseado na democracia e na justiça.

Nesse percurso, fortaleceu a idéia do protagonismo dos trabalhadores, da luta pelos direitos e da mobilização social, à medida que se transformou em um partido de massas. Essas contribuições do PT estão inegavelmente materializadas nos avanços institucionais e sociais que podemos ver. Mas, como temos dito, se muito vale o já feito, mais vale o que será ...



Lauro Almeida, 88 anos, ex-combatente e gráfico aposentado.

“Eu acredito nos estatutos de criação do PT. Esse é o meu partido”

Eu fui convidado pelo meu filho para dar minha contribuição para a construção de um partido que conversasse com os trabalhadores. Eu, na qualidade de trabalhador de baixa renda, tinha facilidade de fazer contato com eles.

Antes de entrar no partido, entretanto, minha história com os movimentos sociais começou com a luta pela anistia do meu filho, Luciano Almeida. Eu participava do Comitê Pró-Anistia e para ficar nele precisava ser apolítico, de modo que só entrei no partido anos depois de fundado, na época da crise que se deu com o rompimento do MR-8.

Uma vez, quando estava em São Paulo do Potengi, uma trabalhadora me perguntou: “Seu Lauro, o PT é contra a Igreja?” e eu respondi “Dona Helena, este é um partido liberal, democrata. Dom Paulo Evaristo Arns, declarou que o PT era o único partido de base porque era um partido de trabalhadores”.

Acho que o PT progrediu muito nesses 30 anos. Elegeu um presidente, manteve a fidelidade partidária. Eu acredito nos estatutos de criação do PT. E voto no PT. Não aceito dinheiro pra votar. Este é o meu partido.



Lincoln Moraes, 60 anos, professor do Departamento Ciências Sociais da UFRN

“A idéia que eu tinha era de que PT poderia ser uma esquerda diferente da tradicional”

O PT foi criado na minha casa. Eu era, na época, vice-presidente da Associação Nacional dos Sociólogos. Conheci o pessoal da Pastoral Operária no começo de 1980. Alguns membros do PT nacional, entre eles Manoel da Conceição, que eu tinha conhecido na organização Ação Popular (AP), no Ceará, me procuraram.

A idéia que eu tinha era de que o PT poderia ser uma esquerda diferente da esquerda tradicional. O partido poderia funcionar como escola política para a classe trabalhadora. A esquerda tradicional não valorizava muito os movimentos sociais e só aceitava aqueles que fossem subordinados ao partido. Era um movimento que não se propunha a aprender com novas experiências. Era muito dogmático.

Eu participei da primeira direção do PT/RN, cujo presidente era Rivaldo Fernandes. O nosso

trabalho era montar comissões, realizar encontros, dando os primeiros passos para a legalização. Além disso, incentivávamos os movimentos sociais.

Os 30 anos significam uma iniciativa muito importante, que conseguiu trazer elementos fundamentais, principalmente a partir da experiência de algumas prefeituras.



19 Linete Cunha, 56 anos, servidora da Secretaria Municipal de Saúde

“Criar um partido significava fortalecer a luta”

Eu era militante jovem da Pastoral da Juventude e do Movimento Estudantil bem antes de se discutir o PT. Então, quando se começaram as discussões sobre o partido, eu já estava envolvida.

Participar era um compromisso que eu tinha com a militância. Criar um partido significava fortalecer as lutas, fortalecer as camadas populares.

O PT tem um forte significado histórico e no campo afetivo também. Ainda acho que é um partido com o qual possamos contar, mas agora ele tem outras faces, outra cara.



20 Luiz Alves, 69 anos, assessor político da Federação de Servidores Municipais do RN

“O PT é o único partido que consegue dar resposta aos movimentos sociais”

Eu era originariamente militante do MDB, quando começou o movimento nacional de criação do PT. Integrava a direção do MDB em Mossoró. A construção do partido em Mossoró foi uma confluência entre segmentos da Pastoral Operária, do movimento estudantil, da intelectualidade, do campo da esquerda revolucionária e do segmento operário. Essas forças se integraram e deram caráter ao partido.

Eu tinha uma inserção relativamente rica nos movimentos sociais. Tinha saído há alguns anos da prisão na Ilha de Itamaracá, quando trabalhei nos jornais O Mossoroense e Gazeta do Oeste, ou seja, tinha certa influência. Foi um núcleo de esquerda que deu origem ao PT na cidade. Eu também era militante do PCBR e tive contato com pessoas da esquerda revolucionária em Natal. Isso facilitou muito o processo.

Acredito que poucos partidos tenham uma vida tão extensa, rica e profunda tanto do ponto de

vista histórico quando do político quanto o PT. Para mim, ele está num processo de esgotamento político, mas ainda assim é o único partido que consegue dar resposta aos movimentos sociais.



Luizinho Cavalcante, 51 anos, prefeito de Carnaubais.

“As forças políticas tradicionais não contemplavam os movimentos sociais”

Particpei da fundação do PT porque estava em busca do novo. Era o início da reabertura e as forças políticas tradicionais não contemplavam os movimentos sociais, ninguém acreditava mais nelas.

Eu morava em Carnaubais e participava do movimento de Igreja e do Sindicalismo Rural, além de ser filiado ao MDB. Faço política desde menino. Durante seis anos fui vice-presidente estadual do partido. Em 90 me afastei.

O partido dava a oportunidade de ocupar o espaço público. Em 82, concorri à Prefeitura de Carnaubais; em 86 a deputado estadual e em 88, a vereador de Carnaubais. Em 86, fui o segundo vereador mais votado do PT no RN e, dois anos depois, o 4º vereador mais bem votado no município. Acontece que, mesmo assim, o PT não fez o coeficiente necessário. Por causa desse fato, eu fiz uma profunda avaliação do comportamento político. Vi que o partido tinha tendências sectárias e confusas, naquela época e, que, por isso, não conseguia emplacar. Havia uma má leitura da estratégia política.

O PT é responsável pelo fenômeno Lula que, democraticamente, está promovendo mudanças. Eu sempre acreditei nesse projeto.



Nelson Gregório, 52 anos, empresário da Construção Civil e assessor do deputado estadual Fernando Mineiro

“Escolhi o PT”

O PT representava, para mim, a questão da cidadania, da juventude como um todo ter um partido de esquerda que pudesse atuar na mudança social.

Eu fazia parte da Pastoral da Juventude. Fiz a opção pelo partido quando a Igreja me pediu para

escolher entre ela e o PT. Escolhi o PT. Na época eu também fazia parte do Sindicato dos Comerciários. Fui o primeiro presidente em Mossoró.

Já militava há 10 anos em 1980, quando entrei para o partido. Trabalhei na fundação em Mossoró e nas cidades próximas. Tirei muito da experiência com a Igreja, que assim como o PT, tinha a proposta de organizar pela base. Então para quem já tinha vivido isso era mais fácil.

Os 30 anos são a concretização daquilo que nós sempre desejamos. A mudança se dá ao longo do tempo. O partido amadureceu junto com a população.



Olavo Ataíde, 49 anos, professor e assessor da deputada federal Fátima Bezerra

“As pessoas tinham se desacostumado a existência de mais de dois partidos”

Eu tinha 19 anos e desde os 16 participava do Movimento de Juventude da Igreja, que foi um dos grandes grupos que fundou o PT/RN. Também fui da oposição sindical da Indústria de Confecções, contra uma diretoria que estava no comando há 15 anos, indicados pela ditadura.

Em 79, se criou um movimento pró-PT, cuja primeira reunião contou com mais de 100 pessoas. Esse movimento deu origem à primeira direção estadual do partido.

Era um período em que as pessoas tinham se desacostumado a existirem mais de dois partidos, então o PT não tinha muita visibilidade.

O movimento de Igreja apostou fortemente no PT porque a esquerda que existia então era muito questionada. O partido significava, então, um movimento com espírito novo.



Pedro Chapinha, 64 anos, empresário

“Era uma questão de conscientização”

Eu queria participar de uma tentativa de transformação. Era só um curioso, prestava atenção na política, mas não fazia parte de nenhum movimento organizado. Fiquei no PT até o segundo Congresso Nacional, em meados de 1999 ou 2000.

Comecei a participar por conta do meu irmão, que era estudante. Eu já tinha tendências aos movimentos de esquerda. Ele me pediu para votar junto com o partido, filiei-me e acabei militando,

procurando novos filiados. Isso era uma coisa bem pessoal. A gente dizia “Você pode se filiar, mas não precisa votar no partido”. Isso porque as pessoas tinham muito medo. Diziam que era coisa de comunista. Mas só era possível legalizar dessa forma.

Era uma questão de conscientização, de mudar a mentalidade. Na época, a sociedade não acreditava que era possível construir um partido. Na minha visão, é como hoje em dia, o foco político está mais nas pessoas do que no partido em si.

Mesmo tendo saído, eu continuo votando no PT. Porque creio que o que existe de possível é o que está sendo feito agora. Não era o que eu tinha na minha cabeça naquela época, mas o mundo mudou muito e o partido teve que mudar junto também para poder se montar. Sem isso ele não teria conseguido. Participei muito das campanhas de Lula. daquelas de quase chegar lá. Numa delas, fiquei quase três meses sem nem pisar no meu negócio.



Raimundo Bento Xavier, 64 anos, agricultor aposentado e membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ilmo Marinho

“Temos que agradecer muito o esforço dos companheiros que fizeram este partido”

Comecei a minha história com o PT depois de participar de um dos congressos de fundação da CUT (Central única de Trabalhadores) que, na época, se chamava Concat, em Praia Grande - SP. Durante as noites desse evento, nós discutíamos a fundação de um partido.

Na época, era muito difícil acreditar nisso. A fundação do PT se deu baseada numa necessidade, parecia até uma utopia. Na área sindical, por exemplo, quando nossas reivindicações chegavam até a justiça, sempre sofriam intervenções políticas. Então, a gente pensava em tomar o poder. Tínhamos perguntas, mas acreditávamos que era possível atingir um resultado.

Nas reuniões, dávamos algumas sugestões. Até porque, naquele tempo, as lideranças sindicais eram mais da cidade. Na área rural não tínhamos muita expressão. O setor rural veio avançar politicamente depois de um tempo. Então a participação da gente se dava muito como ouvinte. Era muito diferente de hoje, quando as discussões políticas estão mais afinadas. Naquela época, os meios de comunicação não davam espaço. Era mais uma coisa ativista, de quem acreditava em algo novo. Até os próprios sindicatos faziam sua separação com a política porque tinham medo.

Eu não tenho nem palavras para dizer o crescimento que nós tivemos de acordo a ideologia

inicial. É um resultado extraordinário. Temos que agradecer muito o esforço dos companheiros que construíram esse partido. Hoje temos credibilidade nacional e internacional.



26 Rivaldo Fernandes, 55 anos, presidente de honra do PV/RN
“A grande herança da esquerda brasileira é o PT e sua evolução”

Naquela época, eu era oriundo das comunidades de base da Igreja, assim como o próprio Lula. Esse movimento tinha um sentido de inserção na sociedade. As comunidades de bases tinham um conteúdo mais político.

Desde 1979 se discutia a criação do PT. Em 1980, eu conheci Lula e ele solicitou que eu organizasse o PT no RN. Daí eu pedi demissão do Serviço de Assistência Rural, onde eu trabalhava na época. Isso foi pedido a mim porque eu era bastante articulado, tanto no meio urbano quanto no rural. Tinha ligação com muita gente.

O RN foi o primeiro estado do Nordeste a fundar o PT. Eu fui para a criação nacional. Meu nome está na ata de fundação do partido. Em 1980, quando do lançamento no RN, nós fizemos comício na Gentil Ferreira com a presença de Lula, de Ayrton Costa, Bete Mendes, entre outros.

A grande herança da esquerda brasileira é o PT e sua evolução. O Governo Lula, por si só, já é um retrato da importância do PT para o Brasil.



27 Roberto Hugo, 61 anos, professor do Departamento de Matemática da UFRN
“Tive um momento em minha vida em que pude me dedicar a uma criação política coletiva”

Na época de sua criação, o PT significava para mim uma grande novidade na esquerda brasileira, num momento no qual a ditadura se enfraquecia e a abertura política conquistada dava alento a sonhos e energia participativa. Minha participação se deu pelo encantamento com a proposta de criação da alternativa política que estava se desenhando na ocasião.

Comecei participando de viagens ao interior. Até porque, meu fusquinha “blue” era um dos poucos carros valentes e disponíveis para a tarefa, visitando comunidades e fazendo reuniões junto com lideranças de trabalhadores rurais, para podermos chegar até a convenção estadual de legalização do PT no RN, com um quorum mínimo de convenções municipais realizadas. Isso era

legalmente exigido, um número relativamente alto.

Do ponto de vista político, os 30 anos do PT significam a possibilidade de dar voz própria a atores e segmentos políticos no campo popular que não teriam um canal tão expressivo para atuar e amadurecer. O governo Lula é uma expressão dessa possibilidade.

Do ponto de vista pessoal, significa uma enorme aprendizagem, muitas amizades importantes e o coração mais leve, por ter tido um momento na minha vida no qual pude me dedicar com desprendimento a uma criação política coletiva.



Tércio Pereira, 46 anos, comerciante e assessor do deputado estadual Fernando Mineiro
"A democracia é um processo contínuo de aperfeiçoamento"

Naquele momento, eu fazia parte do movimento de Igreja e articulação do grupo de jovens da Pastoral da Juventude, em meados de 81, com 19 anos. No movimento, a gente compreendia que o grupo de jovens tinha um limite, que ele só ia até determinada situação. Depois disso, não havia como viabilizar as políticas que gostaríamos que fossem implementadas. Nós usamos o partido como um instrumento para concretizar aquele sonho de liberdade e de uma sociedade mais participativa e democrática. O PT era uma alternativa para dar segmento aquela militância.

Em Mossoró tinha um grupo de intelectuais que trouxeram a idéia para a gente. Comigo aconteceu uma coisa interessante, com duas ou três palavras eu já fui tomado pelo processo, entendi a dimensão de construir um partido político, um partido nosso, diferente dos que já existiam. Eu compreendi isso sem muita discussão. Fui ganho de uma forma muito rápida.

Nós saímos, então, de porta em porta tentando convencer algumas pessoas a se filiar para poder legalizar o PT. Foi um regime de mutirão e conversávamos com amigos e família sobre a importância dessa criação.

A época conspirava em favor do partido. A igreja discutia muito isso com a questão da Teologia da Libertação e o movimento de jovens era muito forte. Cada igreja tinha um grupo de jovens, então a cidade tinha cerca de 200 militantes da igreja. Boa parte participou da fundação.

Nesse processo, fui candidato a vereador em 1992 e passei a participar da direção a partir de 2000. Fui presidente do partido em Mossoró até 2009.

É claro que ainda há muita coisa a se fazer. A democracia é um processo contínuo de

aperfeiçoamento. Só poderemos dizer que temos democracia efetivamente quando o direito a oportunidade for amplo e irrestrito. Em sete anos do Governo Lula muita coisa foi feita, mas é evidente que o sistema continua nas mãos de poucos. Os meios de comunicação são manipulados, os de produção também. Mas o sonho persiste. O Governo avançou muito. Precisamos avançar mais e tornar isso política pública

Sobre as dificuldades, em 1982, por exemplo, quando Rubens Lemos saiu como candidato ao Governo do Estado pelo PT, os discursos eram muito radicalizados. Tínhamos muita dificuldade de fazer comício porque a população tinha medo de participar. Achavam a coragem da gente bonita, mas ao mesmo tempo tinham a crença de que esse sonho estava tão distante que temiam participar mais ativamente.

Nesse processo teve muito sofrimento, muita lágrima, muito sangue derramado, mas eu faria tudo de novo.



Vanduí Guedes, 58 anos, professor e subcoordenador do Núcleo Estadual de Educação para a Paz

“A evolução aconteceu em mim também”

A política estudantil era voltada para que todos os trabalhadores tivessem consciência para se organizar e ter um instrumento de ação política e a capacidade de se libertar da exploração dos “patrões”.

De certa forma, fundar o PT teve um lado romântico. Eu li Marx, Engels e me envolvi em prol de um movimento político de libertação. Acontece que comecei, também, a ver as coisas de forma mais ampla, com menos passividade. Senti-me melhor como participante e co-participante da sociedade. A evolução não foi só no partido. Foi em mim também.

Éramos gatos pingados, mas fazíamos tudo com amor. Tirávamos dinheiro do próprio bolso, usávamos grude para colar as faixas ‘Lula vem aí’. Nós acreditávamos na mudança com a participação política do povo.

Uma vez, fomos pregar cartazes em frente ao Palácio do Governo e a polícia correu atrás de nós. Outras situações engraçadas foi quando fomos pra UFRN numa Kombi, para fazer campanha, falamos, falamos e quando vimos não tinha ninguém ouvindo. Era dia de finados... Ainda teve a vez em que estava na Zona Norte e o pneu do carro furou. Sem ter mais o que fazer, vimos uma aglomeração numa

casa e começamos a panfletar. Quando olhamos bem, se tratava de um velório. Mas nós tirávamos tudo de letra...

Em 30 anos, o PT promoveu uma revolução legalizada, com um acesso bem maior às decisões políticas e representação do povo. Ainda acho que é o partido mais ético e coerente e o mais voltado para valores humanos.



Venâncio Pinheiro, 53 anos, artista plástico

“Eu queria viver essas mudanças, uma democracia, uma república verdadeira”

Primeiro nós estávamos saindo de uma ditadura. Nós queríamos um país como imaginávamos. Nunca fui comunista, mas queria ter democracia, exercer cidadania. Eu era humanista. Era o que me motivava. Vinha oriundo do movimento popular de bairro, com forte influência religiosa e vi que essas ações isoladas não tinham sentido. Tinham caráter religioso, assistencialista. Vi que a saída não era por ali, mas pela política. Isso me levou a me filiar. Eu não via sentido em participar de outros partidos.

Eu era artista plástico, então trabalhei na área do campo artístico. Fui um dos poucos artistas militantes políticos. Funcionei muito como elo com o movimento de bairros, arte, meio ambiente. Assumi mesmo a militância. Isso significa entregar-se de corpo e alma ao partido. Eu morava em Petrópolis, mas se estava criando a zona norte. Então fui morar lá para criar um núcleo do partido, em Nova Natal.

Eu não acredito que eu tenha sido tão importante pro PT, mas ele foi muito pra mim. As pessoas querem ver militância como emprego, mas se não aconteceu o PT na minha vida, eu não seria o Venâncio que sou hoje, com a consciência que tenho hoje.

Passadas essas três décadas. Nós avançamos muito graças ao PT. A questão das lutas, cultura, a mudança que se deu na área da saúde e educação... No período da ditadura não se sabia o que era Ministério da Cultura. Hoje até uma festa do Beco da Lama tem a participação do Ministério. Lula foi o cara que mais incorporou essa idéia. Eu queria viver essas mudanças, uma democracia, uma república verdadeira. Ainda está valendo. Ainda estamos conseguindo esses avanços.



ÁLBUM DE FOTOS

Selecionamos algumas fotos que mostram um pouco da história do partido. São retratos de manifestações, encontros, reuniões e atos públicos que representam os 30 anos.



Manifestação da Associação de Professores do RN, 1988. Na foto: Fernando Mineiro ao lado de policial.

Campanha de Mineiro ao Governo do Estado, em 1994





Mineiro acompanha Lula na Caravana da Cidadania, em 1994.

Hugo Manso discursa na Caravana da Cidadania, em 1994



Manifestação de repúdio à FHC, na Av. Rio Branco, em Natal. 1995



Marcílio Lucena em Aniversário de 15 anos do PT

Manu Duarte, Lula e Mineiro, na campanha presidencial de 1998.



Visita de Lula a Natal,
em 1998



Marcha em
comemoração ao Dia
Internacional da Mulher.
8 de março de 1998.

Ato em defesa da
Educação, no Calçadão
da Rua João Pessoa.
28/04/1998





Carreata em prol da campanha de Fátima Bezerra a prefeita de Natal, no ano 2000.

Faixas da campanha de Fátima Bezerra à Prefeitura do Natal, em 2000. Ponte de Igapó





Abraço à ponte, na campanha de Fátima Bezerra à Prefeitura, em 2000

Encontro Estadual do PT/RN, em 2002, realizado na Assembléia Legislativa do RN





Mineiro discursa em comemoração aos 22 anos do PT, no Centro de Natal.

Campanha de deputado estadual, federal, Governo do Estado e Presidência da República, em 2002. Cidade da Esperança.



Mineiro discursa nos 22 anos do PT, em manifestação no Centro de Natal.

